Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

Artigo

# Avaliação da assistência de enfermagem prestada ao adolescente acometido por depressão

# Evaluation of nursing assistance given to teenagers who suffer from depression

Liana de Medeiros Brasil[1]
Francisca Elidivânia de Farias Camboim[2]
Suenny Fonsêca de Oliveira[3]
Tarciana Sampaio de Oliveira[4]

**RESUMO –** O cuidar em enfermagem tem como finalidade prioritária amenizar o sofrimento humano, atuando na promoção, recuperação e reabilitação da saúde e qualidade de vida. Embora se reconheça que o enfermeiro da área de psiquiatria tenha mais experiência, os profissionais de outras áreas precisam estar preparados para identificar, cuidar e orientar o portador de transtorno mental, principalmente em casos de depressão (CANDIDO; FUREGATO, 2005 apud SILVA *et. al.*, 2009). A pesquisa objetivou avaliar a Assistência de Enfermagem prestada ao adolescente acometido por depressão atendido nas Unidades Saúde da Família, situadas na cidade de Caicó-RN, bem como avaliar o conhecimento dos enfermeiros das Unidades Saúde da Família acerca dos sinais e sintomas da depressão, e analisar a Assistência de Enfermagem prestada nas Unidades Saúdes da Família ao adolescente com depressão. O estudo tipo descritivo, com abordagem quantitativa, realizado com 14 enfermeiros da Estratégia Saúde da Família do município de Caicó-RN. Os dados foram analisados através da técnica estatística descritiva simples. A prevalência de enfermeiros atuantes nas Unidades Básicas de Saúde é do sexo feminino, com faixa etária entre 25 e 27 anos, com menos de 5 anos de atuação. Os resultados revelaram a necessidade de qualificação e treinamento para trabalhar com Saúde Mental na rede básica. Esperamos que este estudo contribua para melhorar a assistência e o ensino de enfermagem, podendo fomentar e conscientizar docentes,

[1] Graduanda do Curso de Enfermagem pelas Faculdades Integradas de Patos
[2] Enfermeira. Especialista em Saúde mental pelas Faculdades Integradas de Patos. Preceptora de estágios na disciplina Saúde mental do Curso Bacharelado em Enfermagem das Faculdades Integradas de Patos.
[3] Psicóloga. Doutora em Psicologia Social. Coordenadora do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Patos.
[4] Enfermeira Doutoranda em Ciências da Saúde pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Docente do Curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Patos. Patos.

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

profissionais e graduandos sobre a importância da atuação transformadora da prática e do ensino, em beneficio do portador de transtorno mental.
**UNITERMOS:** Avaliação; Assistência de enfermagem; Adolescente; Depressão.

**ABSTRACT –** The act of taking care in nursing has as its prior purpose to ease the human suffering, acting in promotion, recovering, and rehabilitation of health and quality of life. However it is acknowledged that the nurse who works in psychiatry has more experience, other areas professionals need to be prepared to identify, take care and guide the mental disorder carrier, mainly in depression cases (CANDIDO; FUGERATO, 2005 apud SILVA et., 2009). Evaluate the Nursing Assistance given to the teenager assailed by depression in Family Health Units, located in Caicó-RN, as well as analyze the nurses' knowledge in the Family Health Units about teenagers with depression. The descriptive study, with quantitative approach, applied to 14 nurses from Family Health Strategy in Caicó-RN. The data was analyzed according to the analysis metodology of the contente. The prevalence of nurses acting at the Basic Health Units is formed by females, with ages between 25 and 27 years old, with less than 5 years of work. The results still revealed the need of qualification and training to work with Mental Illness in the basic health service. We hope this study contributes to improve this assistance and the nursing teaching, being able to promote, sensitize and aware teachers, Professional and students about the transforming actions of the practice and teaching importance, in benefit to the mental disorder carrier.
**KEYWORDS:** Evaluation; Nursing Assistance; Teenager; Depression.

## INTRODUÇÃO

A origem da depressão está ligada a diversos fatores, como genéticos, psicológicos, ambientais e sociais, que podem afetar de diversas maneiras cada indivíduo depressivo (SILVA; SILVA, 2012). Segundo Andrade e Bozza (2010), a depressão é um dos transtornos de humor mais significativos do mundo atual e sua incidência tem aumentado gradativamente, refletindo não só nas pessoas, mas também em todo meio social em que vivemos. Gera sintomas que acabam por dificultar a vida social, profissional e interpessoal do individuo, ou seja, é um problema que deve ser visto com seriedade, pois interfere de maneira significativa na vida diária, nas relações sociais e no bem estar geral dos adolescentes.

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

Segundo Andrade e Bozza (2010, apud SILVA *et. al.*, 2011), o período de desenvolvimento da adolescência é caracterizado por grandes mudanças biológicas, sociais e psicológicas. A grande maioria dos pacientes que são acometidos de algum episódio depressivo apresenta como traço característico, um humor depressivo ou a perda de interesse, e ainda a perda do prazer, predominante por no mínimo duas semanas e provocando um sofrimento intenso e limitações no funcionamento social, ocupacional, afetivo. Porém, em adolescentes não encontramos a presença de um aspecto triste, mas, por outro lado, mostram-se irritáveis e irritantes e mesmo doentias (CAPITÃO, 2007 apud SILVA, *et. al.,* 2011).

Nesta perspectiva, percebe-se hoje que a depressão não está somente presente entre adultos, mas vem se tornando cada vez mais comum entre os jovens, tornando-se importante estudá-la entre adolescentes, evitando ocasionar complicações ou transtornos futuros que sucedem a adolescência, incluindo até mesmo o suicídio. Muitas vezes, por falta de conhecimento dos sinais e sintomas da depressão, ela passa despercebida diante dos profissionais de saúde. Sendo assim, surge o seguinte questionamento: Será que os enfermeiros atuantes no Programa de Saúde da Família sabem identificar os sinais e sintomas da depressão em adolescentes? Como os enfermeiros destas unidades prestam assistência ao adolescente acometido por depressão?

O interesse pelo tema se deu devido à complexidade do assunto e a forma corriqueira com que ele acontece na vida de acadêmicos que se afastam do ambiente familiar e ingressam em um meio onde a pressão e cobrança se apresentam de forma impactante em suas vidas. Destarte que, na minha adolescência vivenciei o problema, surgindo assim, a necessidade de analisar e estudar o conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre os sinais e sintomas da depressão em adolescentes.

Certamente este trabalho contribuirá para o conhecimento dos profissionais e acadêmicos de enfermagem, no intuito de oferecer mais informações sobre a depressão na adolescência e a assistência de enfermagem prestada ao portador da mesma.

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

A pesquisa objetivou avaliar a Assistência de Enfermagem prestada ao adolescente acometido por depressão atendido nas Unidades Saúde da Família, situadas na cidade de Caicó – RN, bem como o conhecimento dos enfermeiros das Unidades Saúde da Família acerca dos sinais e sintomas da depressão, e analisar a Assistência de Enfermagem prestada nas Unidades Saúdes da Família ao adolescente com depressão.

## CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Esta pesquisa enquadra-se em um estudo descritivo, com abordagem quantitativa. A mesma foi realizada nas Unidades de Saúde da Família do município de Caicó-RN.

A população constituiu-se por todos os profissionais enfermeiros que atuam nas Unidades de Saúde da Família, em número de 22 profissionais. A amostra foi composta por 63,5% (14) dos profissionais de enfermagem que aceitaram participar da pesquisa e que seguiram os seguintes critérios de inclusão: Ser enfermeiro (a) atuante no Programa de Saúde da Família; Ter no mínimo seis meses de atuação no setor; Que esteja presente no momento da pesquisa. Foram excluídos aqueles profissionais que não aceitaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A).

Os participantes foram informados quanto ao objetivo do estudo, bem como será comprometido o sigilo das informações prestadas no ato da entrevista. Após receberem todas as informações sobre os objetivos da pesquisa, os mesmos para participarem do estudo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário estruturado previamente elaborado pela autora, contendo questões objetivas e semi-subjetivas, o mesmo foi composto por dados socioeconômicos e demográficos, na primeira parte, e na segunda os dados referentes aos objetivos do estudo.

A coleta de dados foi realizada através de entrevista individual, com tempo estimado de aproximadamente 15 minutos, em ambiente tranquilo, no próprio local de

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

trabalho, onde foi explicado acerca da pesquisa, assegurando os esclarecimentos necessários para o adequado conscentimento, e de possíveis dúvidas referentes à linguagem/nomeclatura utilizada no questionário.

Também foi realizado, antes do início da coleta de dados, a leitura e esclarecimento do Termo de Consentimneto Livre e Esclarecido, deixando livre a decisão dos(as) mesmos (as) em participarem ou não da pesquisa, podendo ainda, desistir em qualquer fase do estudo. Os dados foram coletados no período de fevereiro e março de 2013, onde foram submetidos a análise estatística simples e disponibilizados através de gráficos e/ou tabelas, com auxílio do programa Excel Office 2007, e analisados estatisticamente no período acima descrito e fundamentado à luz da literatura pertinente.

O projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas de Patos, localizado no município de Patos - PB, para obter o consentimento legal para realização da pesquisa à luz dos princípios éticos, aprovado pelo protocolo número: 205/2012. A pesquisa foi realizada com autorização da Secretária de Saúde do município, levando-se em consideração os aspectos éticos em pesquisas que envolvem seres humanos, conforme descrito na Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos (BRASIL, 2000).

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Caracterização sócio-demográfica

**Tabela 1 – Caracterização sócio-demográfica da amostra (n=14)**

| Variáveis | | N | % |
|---|---|---|---|
| **Gênero** | Masculino | **04** | 28,6 |
| | Feminino | **10** | 71,4 |
| **Faixa etária** | 25 a 27 anos | **07** | 50 |
| | 28 a 30 anos | **05** | 35,6 |
| | 31 a 33 anos | **01** | 7,2 |
| | Acima de 34 anos | **01** | 7,2 |
| **Pós – graduação** | Saúde mental | **01** | 7,2 |
| | Outras | **13** | 92,8 |
| **Tempo de atuação** | Menos de 5 anos | **13** | 92,8 |
| | Entre 6 e 10 anos | **01** | 7,2 |
| **Total** | - | **14** | 100 |

Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2013.

De acordo com os dados da pesquisa expressos na tabela 1, evidencia-se que a prevalência dos enfermeiros é do sexo feminino, equivalente a 71,4% (10) dos entrevistados, e apenas 28,6% (04) do sexo masculino. Nota-se uma confirmação da literatura, uma vez que mostra a profissão de enfermagem com prevalência feminina, fato já demonstrado em um estudo realizado por Ferrari, Thomson e Melchior (2005), onde se constatou que a enfermagem ainda é uma profissão predominantemente

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

feminina, ficando evidente que os enfermeiros que atuam em USFs também estão inseridos nessa realidade.

Para Martins *et. al.* (2006) a prevalência dos trabalhadores na área de saúde é do gênero feminino, principalmente na enfermagem, explicado em função do arquétipo, atribuído às mulheres. Fato que explica em varias culturas, onde a assistência e higienização dos doentes são considerados extensão de trabalho da mulher.

Pode-se observar ainda, que o maior número de enfermeiros entrevistados, encontram-se na faixa etária de 25 a 27 anos, que corresponde a 50% (07) da amostra, seguido pela faixa etária de 28 a 30 anos, com 35,6% (05) do total da amostra, e apenas 7,2% (01) na faixa etária de 31 a 33 anos, e acima dos 34 anos de idade.

Este perfil apresenta a realidade vivenciada em todo o território nacional, em função da quantidade de jovens lançados no mercado de trabalho pelas faculdades e universidades. Isso se deve aos incentivos do Governo Federal, para o acesso do jovem ao ensino superior, por meio dos programas PROUNI e FIES. Silva *et. al*. 2012 diz que houve expansão na formação de enfermeiros e de outros profissionais de saúde, em reflexo de políticas governamentais de ampliação de vagas e acesso ao ensino superior no Brasil. Para Carvalho (2008), houve investimentos para a inclusão da camada mais pobre no ensino superior, como Programa Universidade para todos (ProUni).

De acordo com os dados da pesquisa evidenciados na tabela 1, apenas 7,2% (01) dos entrevistados possui especialização em Saúde Mental, enquanto que 92,8% (13) especializaram-se em outras áreas. No que diz respeito à especialização, este dado apresenta bastante influência, visto que há necessidade de profissionais capacitados para o aperfeiçoamento e melhoria dos serviços de saúde. Santos e Lopes (2007) afirmam que o enfermeiro que trabalha em USF possui atribuições especificas e amplas, portanto, necessita ser bem capacitado nessa área. Para Silva, Furegato e Costa Júnior (2003), o baixo interesse por cursos de saúde mental indica que a maioria dos sujeitos não tem, de

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

fato, interesse pela área de saúde mental, sugerindo reflexões a respeito das possíveis dificuldades do enfermeiro em lidar com essa área.

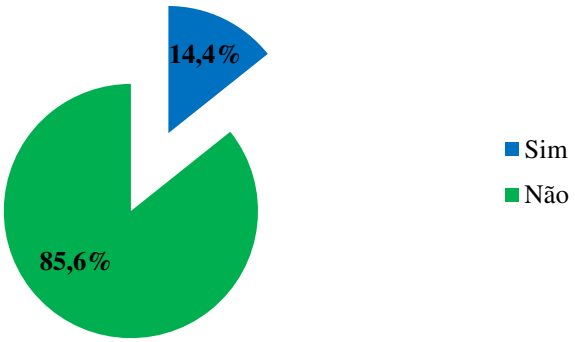
Em relação ao tempo de atuação dos enfermeiros participantes da pesquisa, a maioria 92,8% (13) trabalham em Unidades Básicas de Saúde há menos de 5 anos, enquanto que 7,2% (01) de 6 a 10 anos. Acredita-se que esse resultado deva-se a rotatividade de profissionais nas Unidades Básicas de Saúde acarretando um pouco tempo de atuação devido à quantidade insuficiente de profissionais contratados para atuarem no setor.

Rocha e Zeitoune (2007) relatam que a rotatividade dos enfermeiros entre os municípios, possivelmente a procura de um município que ofereça maiores vantagens financeiras, melhores condições de trabalho e de qualidade de vida favoreçam o curto período de tempo destes profissionais nas Unidades Básicas de Saúde. No entanto, salienta-se a relevância dos profissionais que estão na equipe há mais de três anos, pois proporciona facilidades de contatos efetivos com a comunidade, melhor conhecimento de suas necessidades e maior possibilidade de dar continuidade aos programas desenvolvidos nas unidades.

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

**Caracterização do estudo**

**Gráfico 1** – Distribuição da amostra segundo a realização de capacitação em Saúde mental. (n=14)




Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2013.

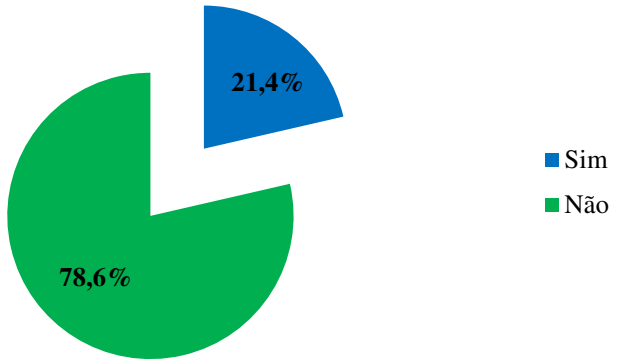
Em relação a capacitação em Saúde mental, foi constatado que apenas 14,4% (02) da amostra possuem capacitação na área de Saúde Mental, enquanto que a maioria, 85,6% (12) da amostra não possuem, dados evidenciados no gráfico 1. O baixo índice de capacitação em Saúde Mental indica que pode haver falta de oportunidade ou interesse pela área, sugerindo reflexões a respeito das possíveis dificuldades do enfermeiro lidar com essa área.

Candido e Furegato (2005) afirmam que o portador de transtorno mental sempre esteve presente no cotidiano profissional do enfermeiro, independente da sua área, embora se reconheça que o enfermeiro da área de psiquiatria tenha mais experiência, os profissionais de outras áreas precisam estar preparados para identificar, cuidar e orientar o portador de transtorno depressivo. Para Ribeiro *et. al.* (2010) grande parte dos enfermeiros não se sente capacitada para trabalhar saúde mental na UBS, condição encontrada em outras realidades, em decorrência do pouco treinamento direcionado a

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

essa temática, o que maximiza a existência de barreiras que impendem o desenvolvimento de ações de cuidado voltados a essa população.

**Gráfico 2** – Distribuição dos enfermeiros sobre o trabalhar com adolescentes acometidos por depressão. (n=14)




Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2013.

De acordo com os dados da pesquisa expressos no gráfico 2, pode-se observar que apenas 21,4% (03) da amostra trabalham ou já trabalharam com adolescente deprimido, enquanto que a maioria 78,6% (11) não trabalham ou nunca trabalharam com o adolescente em quadro de depressão.

É importante lembrar que a falta de investimentos por parte do governo em capacitações voltadas para a saúde mental dificulta a realização de trabalho pelos enfermeiros que atuam nas USFs com os adolescentes em quadro de depressão. Isso se confirma na literatura, onde Lemos, Lemos e Souza (2007) afirmam que os enfermeiros não foram capacitados para trabalhar a saúde mental nas USFs, que não passaram por nenhum treinamento, sendo que a maioria dos enfermeiros atuantes nas USFs relatam

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

apenas algumas experiências na época da graduação e que sentem dificuldade em trabalhar com adolescentes deprimidos.

Para Candido e Furegato (2005) o enfermeiro é, ou deveria ser o profissional de saúde que mais frequentemente entra em contato com o cliente no atendimento primário de saúde. Entretanto, observou-se que enfermeiros, em atividade na rede básica de saúde (atenção primária), não estão preparados para dar a devida atenção ao portador de transtorno mental, apesar de apresentarem médio conhecimento teórico sobre a doença.

**Quadro 1** – Distribuição dos enfermeiros de acordo com a interrogativa: como você define a sintomatologia da depressão na adolescência? (n=14)

| QUESTIONAMENTO | RESPOSTAS DOS ENTREVITADOS |
|---|---|
| Como você define a sintomatologia da depressão na adolescência? | *"Tristeza, desânimo, pensamentos negativos, choro fácil e culpa por algo que deu errado."Suj. 2, 6 e 8.*<br>*"Mudança de comportamento, transtornos de humor, distúrbios alimentares e do sono."Suj. 3, 4 e 7.*<br>*"Rebeldia, agressividade, irritabilidade, isolamento social, agitação e ansiedade." Suj. 1, 5, 10 e 11.* |

Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2013.

Quando questionados em relação à definição dos sintomas da depressão na adolescência, os entrevistados evidenciaram conhecimento em relação ao quadro clínico da mesma, como se observa no quadro acima. Desta forma, entende-se que os enfermeiros podem identificar os adolescentes deprimidos e intervir através de ações

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

preventivas na família, escolas, meios de comunicação e na comunidade como um todo para promover o desenvolvimento saudável desses jovens.

Istilli *et al.* (2010) afirma que faz-se necessário que os profissionais de saúde saibam reconhecer os sinais e sintomas da depressão, bem como qual a melhor conduta no momento da assistência, para que na falta de um profissional especializado na área de psiquiatria, ele possa auxiliar na identificação desses pacientes, na orientação dos familiares e quando necessário encaminhamento do mesmo ao profissional especializado. Para Santos e Lopes (2007) os enfermeiros apresentam-se aptos a identificar as alterações no humor, na psicomotricidade e na cognição causadas pela depressão.

**Quadro 2** – Distribuição dos enfermeiros em relação a interrogativa: você acha que os sintomas depressivos são diferentes para adolescentes e adultos? (n=14)

| QUESTIONAMENTO | RESPOSTAS DOS ENTREVITADOS |
|---|---|
| Você acha que os sintomas depressivos são diferentes para adolescentes e adultos? | . "*São fases diferentes da vida e com comportamentos distintos" (suj. 2)*<br>*"Acredito que no adulto é mais fácil a percepção e até mesmo em alguns casos o pedido de ajuda" (suj. 14).*<br>"*Devido à idade, as mudanças ocasionadas no período onde ocorrem tantas transformações, por isso, tudo fica mais intensificado" (suj. 3)*<br>"*Os adultos conseguem relatar melhor seus sintomas" (suj. 6 e 7).* |

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

| | |
|---|---|
| | *"A sintomatologia é basicamente a mesma" (Suj. 9)*<br>*"Creio que não sejam diferentes, porém o processo de transformação da fase criança-adolescente ou adolescente-adulto pode atrapalhar ou intensificar os sintomas" (suj. 5).* |

Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2013.

Quando questionados se havia diferença entre a sintomatologia da depressão entre adolescentes e adultos, conforme está expresso no quadro2, ficou evidente que parte dos entrevistados relataram que há diferença, enquanto outros que não há diferença.

A sintomatologia depressiva é muito variada e difere de pessoa para pessoa, de pessoa adulta para criança e, no entanto considera-se que a tríade baixa autoestima, inibição global e anedonia está presente numa pessoa deprimida (RAMM; SOUZA; NICOLA, 2008). Crivelatti, Durman e Hofstatter (2006) dizem que para facilitar o reconhecimento do quadro depressivo na adolescência, recomenda-se a observação da presença de sintomatologia básica similar à utilizada no adulto.

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

**Quadro 3 –** Distribuição dos enfermeiros de acordo com a interrogativa: você acha que os profissionais de enfermagem, que atuam nas Unidades Saúde da Família, estão preparados para prestarem assistência ao adolescente com quadro de depressão? (n=14)

| QUESTIONAMENTO | RESPOSTAS DOS ENTREVITADOS |
|---|---|
| Você acha que os profissionais de enfermagem, que atuam nas Unidades de saúde da Família, estão preparados para prestarem assistência ao adolescente com quadro de depressão? | *"Não, pois esta clientela normalmente não procura a atenção básica" (suj. 1).*<br>*"Não, por ser um assunto pouco discutido na faculdade, por não ter uma grande demanda na USF e por falta de capacitações" (suj. 3)*<br>*"Não, falta capacitação e subsídios para realizar atividades que possam levar o paciente a encontrar melhora nas relações interpessoais" (suj. 9 e 14).*<br>*"Não, só trabalhei o referido assunto na faculdade, enquanto profissional ainda não. O perfil de depressão é geralmente ligado ao adulto. O adolescente é mais difícil de identificar e procurar o serviço de saúde. Acredito que falte capacitações sobre o tema" (suj. 5 e 13).* |

Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2013.

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

Interrogados sobre a preparação dos profissionais de enfermagem para assistirem ao adolescente acometido por depressão, a maioria relataram que não estão preparados para prestarem assistência ao adolescente com transtorno depressivo, e a principal justificativa foi a falta de capacitação na área de Saúde Mental, fato demonstrado no quadro 3. Considerando que a USF funciona como porta de entrada no sistema público de saúde, é importante destacar a função do enfermeiro no atendimento às pessoas com depressão e sua família.

Para Vecchia e Martins (2009) o papel do enfermeiro merece destaque, uma vez que ele é o profissional que deve oferecer à família e ao doente mental as informações e o suporte necessários, contribuindo para sua reinserção social. Waidman *et. al.* (2012) diz que a falta de capacitação desse profissional prejudica a assistência a estas pessoas, as quais devem ser atendidas em conformidade com as políticas de saúde, ou seja, de forma digna, humanizada e respeitosa.

**Quadro 4 –** Distribuição dos enfermeiros de acordo com a interrogativa: o que você como enfermeiro (a) pode fazer diante de um adolescente com sinais e sintomas da depressão? (n=14)

| QUESTIONAMENTO | RESPOSTAS DOS ENTREVITADOS |
|---|---|
| O que você como enfermeiro (a) pode fazer diante de um adolescente com sinais e sintomas de depressão? | *"Por não ter conhecimento específico da área e estar na USF, eu encaminharia ao serviço de referencia, ao psicólogo e daria todo o apoio ao mesmo e a família" (suj. 3).*<br>*"Fazer consulta de enfermagem, com enfoque na escuta e dar os devidos encaminhamentos" (suj. 6, 12, 14).* |

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

| | |
|---|---|
| | *"Realizar anamnese sistematizada para tentar identificar a origem, orientações, encaminhar ao psicológo" (suj. 5 e 9).*<br>*"Encaminhar para especialista" (suj. 4, 10 e 11).* |

Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2013.

No que se refere às intervenções do enfermeiro na Atenção Básica, pode-se afirmar que existem lacunas na assistência prestada por tal profissional ao sujeito acometido pela depressão. Isso ficou evidente no quadro 4, onde a atitude mais citada foi encaminhar a outros profissionais, modo de proceder também encontrado em um estudo realizado por Silva, Furegato e Costa Júnior (2003) onde é relatado pelos autores que a maioria dos enfermeiros entrevistados encaminham seus pacientes para médicos especialistas.

Harada e Soares (2010) dizem que muitos enfermeiros ainda não entendem que seja sua tarefa fazer a identificação, acolhimento e acompanhamento, junto com uma equipe multidisciplinar, o paciente acometido por depressão.

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

**Quadro 5 –** Distribuição dos enfermeiros de acordo com a interrogativa: que proposta você daria enquanto enfermeiro (a), para trabalhar com o adolescente portador de depressão nas Unidades Saúde da Família? (n=14)

| QUESTIONAMENTO | RESPOSTAS DOS ENTREVITADOS |
|---|---|
| Que proposta você daria enquanto enfermeiro (a), para trabalhar com o adolescente portador de depressão nas Unidades Saúde da Família? | *"Referência e contra-referência eficientes, para que a atenção básica consiga dar continuidade à assistência" (suj. 3 e 5).*<br>*"Primeiro capacitar todos os profissionais da atenção básica. Após ser capacitado, trabalhar junto com os familiares do adolescente para obtermos sucesso" (suj. 13 e 14).*<br>*"Realizando rodas de terapias comunitárias e atuando com uma equipe multidisciplinar" (suj. 2, 7, 10 e 11).* |

Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2013.

De acordo com o quadro 5, as propostas dadas pelos enfermeiros em trabalhares com o adolescente portador da depressão, foram basicamente terapias comunitárias, referência e contra referência eficientes, fator importante, pois sabendo como foi a consulta e qual foi a conduta utilizada o enfermeiro da atenção básica conseguiria dar continuidade a assistência, além disso, foi relatado que seria interessante a promoção de capacitação dos profissionais da atenção básica, assim eles estariam melhor preparados

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

para atender o adolescente, a família e fazer um acompanhamento multidisciplinar dessa clientela.

Para Gamba e Bretas (2006), o profissional de saúde deverá propor um conjunto de dispositivos que partam de uma visão integrada das várias dimensões da vida do individuo, em múltiplos âmbitos de intervenção, ou seja, deve procurar criar formas de produção de saúde e de vida, nas quais seja resgatada a história, a autonomia e a cidadania dos indivíduos.

Santos e Lopes (2007) afirmam que tarefas ocupacionais e recreativas também podem ser muito úteis; mas o enfermeiro deve estar atento no momento de estimular tais atividades, pois as expectativas e os objetivos devem ser suficientemente pequenos para garantir o sucesso em sua realização, serem relevantes para o sujeito e concentrarem-se em atividades positivas

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação central desse estudo esteve dirigida para a avaliação da assistência de enfermagem prestada ao adolescente acometido por depressão. Considerando-se que o enfermeiro é o profissional que conduz as ações da equipe da Estratégia Saúde da Família, é importante que ele esteja habilitado para o desenvolvimento de atividades e cuidados na atenção à Saúde Mental que visem reforçar o cuidado ao adolescente depressivo.

A preocupação central desse estudo esteve dirigida para a avaliação da assistência de enfermagem prestada ao adolescente acometido por depressão. Foi constatado que os profissionais têm conhecimento em relação ao quadro clínico da doença, dessa forma entende-se que eles podem identificar os adolescentes deprimidos e intervir através de ações preventivas na comunidade. Porém a maioria dos entrevistados relatou que não estão preparados para prestarem assistência ao adolescente com transtorno depressivo, justificando que falta capacitação na área.

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

Esperamos que este estudo contribua para melhorar a assistência e o ensino de enfermagem, podendo fomentar, sensibilizar e conscientizar docentes, profissionais e graduandos sobre a importância da atuação transformadora da prática e do ensino, em benefício do portador de transtorno mental.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. E. S.; BOZZA, M.. Depressão em adolescentes: uma abordagem bibliográfica. **Revista Eficaz**, Maringá, n. , p.1-12, abr. 2010. Disponível em: <www.institutoeficaz.com.br>. Acesso em: 03 set. 2012.

BRASIL, **Resolução n. 196/96.** Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, DF: CONEP, 2000.

CARVALHO, S. C. et. al. Política de ensino superior e renúncia fiscal: da reforma universitária de 1968 ao PROUNI. Universidade de Campinas, 2008.

CANDIDO, M. C. F. S.; FUREGATO, A. R. F.. Atenção de enfermagem ao portador de transtorno depressivo: uma reflexão. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p.1-13, 2005. Disponível em: HTTP://www2.eerp.usp.br/resmad/artigos.asp. Acesso em: 22 mar. 2013.

CRIVELATTI, M. M. B.; DURMAN, S.; HOFSTATTER, L. M.. Sofrimento psíquico na adolescência. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. , p.64-70, 2006.

FERRARI, R. A. P.; THOMSON, Z.; MELCHIOR, R.. Estratégia saúde da família: perfil dos médicos e enfermeiros. **Semin Ciên Biol Saúde**, Londrina, v. 26, n. 2, p.80-101, 2005.

GAMBA, M. A.; BRETAS, A. C. P.. **Enfermagem e saúde do adulto.** 1ª São Paulo: Manole, 2006.

HARADA, O. L.; SOARES, M. H.. A percepção do agente comunitário de saúde para identificar a depressão. **Smad, Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p.315-336, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v6n2/6.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2013.

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

ISTILLI, P. T. et. al. Antidepressivos: uso e conhecimento entre estudantes de enfermagem. **Revista Latino Americana de Enfermagem,** São Paulo, v. 18, n. 13, p.127-144, 2010. Maio/Junho.

LEMOS, S. S.; LEMOS, M.; SOUZA, M. G. G.. O preparo do enfermeiro da atenção básica para a saúde mental. **Arquivos de Ciências da Saúde**, São Paulo, v. 14, n. 4, p.198-202, 2007. Out/Dez. Disponível em: <http://www.cienciasdasaude.famerp.br/racs_ol/online.html>. Acesso em: 26 mar. 2013.

MARTINS, S. C. et. al. Perfil do enfermeiro e necessidade de desenvolvimento de competência profissional. **Texto e Contexto Enfermagem,** Flolianópolis, v. 15, n.3, p.472-478, 2006. Jul/set. Disponível em: < www.scielo.br>. Acesso em: 26 mar. 2013.

RAMM, C. R.; SOUZA, H. F.; NICOLA, T.. Assistência de enfermagem a uma paciente portadora de depressão e ansiedade: promovendo cuidado integral. Pelotas, maio 2008. Disponível em: <www.ufpel.edu.br>. Acesso em: 08 set. 2012.

RIBEIRO, L. M. et al. Saúde mental e enfermagem na estratégia. **Revista da Escola de Enfermagem - Usp**, São Paulo, v. 44, n. 2, p.376-382, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 26 mar. 2013.

ROCHA, J. B. B.; ZEITOUNE, R. C. G. Perfil dos enfermeiros do Programa Saúde da Família: uma necessidade para discutir a prática profissional. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 46-52, 2007. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v15n1/v15n1a07.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2013.

SANTOS, F. S.; LOPES, S.. Explorando o conhecimento dos enfermeiros das unidades de saúde da família de São José do Rio Preto sobre depressão. **Arquivos de Ciências da Saúde**, São Paulo, v. 14, n. 1, p.23-29, 2007. Jan/mar. Disponível em: <http://www.cienciasdasaude.famerp.br/racs_ol/vol-14-1/ID206.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2013.

SILVA, D. F. et al. A importância do conhecimento sobre depressão na adolescência para os profissionais de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, n. , p.01-06, jun. 2011. Disponível em: <www.webartigos.com>. Acesso em: 06 set. 2012.

SILVA, D. S. et al. Reconhecimento e interpretação de enfermagem na depressão do idoso institucionalizado. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, n. , p.01-06, jul. 2009. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br>. Acesso em: 28 ago. 2012

Temas em Saúde
Volume 15, Número 1
ISSN 1519-0870
João Pessoa, 2015

SILVA, K. L. et al. Expansão dos cursos de Graduação em Enfermagem e mercado de. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 65, n. 3, p.406-413, 2012. Mai/jun. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 26 mar. 2013.

SILVA, M. C. F.; FUREGATO, A. R. F.; COSTA JúNIOR, M. L.. Depressão: pontos de vista e conhecimento de enfermeiros da rede básica de saúde. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 11, n. 1, p.7-13, 2003. Jan/fev. Disponível em: <www.eerp.usp.br/rlaenf>. Acesso em: 26 mar. 2013.

SILVA, E. V. R.; SILVA, J. C.. A influencia do suporte familiar na depressão em adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, n. , p.01-05, jan. 2012. Disponível em: <http://artigos.psicologado.com/psicopatologia/saude-mental/a-influencia-do-suporte-familiar-na-depressao-em-adolescentes>. Acesso em: 04 set. 2012.

VECCHIA, M. D.; MARTINS, S. T. F. Concepções dos cuidados em saúde mental por uma equipe de saúde da família, em perspectiva histórico-cultural. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p.183-193, 2009. Jan/Fev. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 22 mar. 2013.

WAIDMAN, M. A. P. et al. Assistência de enfermagem às pessoas com transtornos mentais e às famílias na Atenção Básica. **ACTA Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 25, n. 3, p.346-351, 2012. Disponível em: <www.scielo.brf>. Acesso em: 26 mar. 2013.